

## XII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LITERATURA COMPARADA

Curitiba, 27 a 29 de abril de 2010

### PROGRAMAÇÃO

Hora	27/04	28/04	29/04
8h30- 10h00	Cursos 1 e 2	Cursos 1 e 2	Cursos 1 e 2
10h00-10h30	Abertura	Intervalo	Intervalo
10h30-12h30	Conferência	Mesa 2	Mesa 5
12h30-14h00	Almoço	Almoço	Almoço
14h00-16h00	Mesa 1	Mesa 3	Mesa 6
16h00-16h30	Intervalo	Intervalo	Intervalo
16h30-18h30	Atividades Culturais	Mesa 4	Conferência

#### CONFERÊNCIA DE ABERTURA – Dia 27/04/2010 – 10h30-12h30

**Jean Bessière (Univ. de Paris III-Sorbonne, França)**

Centres littéraires, variations des centres littéraires, variations des modèles critiques et théoriques: pour une approche géographique et géopolitique de la critique et de la théorie littéraires.

#### MESA 1 – Dia 27/04/2010 – 14h-16

Superação das teorias literárias – consolidação da Teoria?

A profusão recente de teorias, muito próximas ou nem tanto das especificidades literárias, produz um campo de instabilidades no cenário das discussões acadêmicas. Algumas linhas de reflexão evidenciam preponderância do aparato conceitual sobre o objeto, tendendo a construir uma Teoria que, paulatinamente, prescindem do texto literário. A canonização da Teoria, no mesmo movimento que permite a sofisticação de abordagem das práticas culturais, pode diluir tensões que efetivavam o impacto político dessas mesmas práticas, apagando antagonismos na medida em que produzem homogeneização de diferentes ordens. Propõe-se, para os trabalhos desta mesa, um debate sobre esses direcionamentos teóricos e suas contribuições ou enfrentamentos com as perspectivas da Literatura Comparada.

Mediador: **Luiz Carlos Simon - UEL**

Expositores:

**Fábio Durão – UNICAMP**

**Título:** Uma introdução ao debate da Teoria nos EUA

**Resumo:** O presente trabalho pretende oferecer uma introdução crítica ao debate em torno daquilo que se convencionou chamar, nos Estados Unidos, de Teoria. Essa nova formação discursiva, caracterizada por uma

flexibilidade imensa em relação a seus objetos e métodos, coloca em cena uma série de problemas vitais, dentre os quais vale destacar a relação entre teoria e literatura, e a politização dos estudos literários e culturais. Esta apresentação procurará demonstrar o que há de insatisfatório, tanto na defesa intransigente da Teoria, quanto em sua recusa por aqueles que pretendem voltar aos antigos estudos literários. A partir dessa caracterização, espera-se poder fornecer subsídios para a reflexão sobre os estudos literários no ambiente institucional brasileiro.

**Ítalo Moriconi – UERJ**

**Título:** Teoria e prática do ensino universitário da literatura hoje: entre a academia e o mercado

**Resumo:** O acervo de conquistas intelectuais legado pela teoria da literatura especializada ao longo de todo o século 20 esteve estritamente associado a um tipo de debate estético e a um lugar institucional do literário que precisamos considerar definitivamente ultrapassado se quisermos dar uma resposta às necessidades reais colocadas no campo do conceito e do ensino de literatura, nesta entrada da segunda década do novo século. No campo universitário, a Teoria se transmudou em conjunto de doutrinas e debates em aberto. Já no lado do mercado, a atividade teórica segue necessária, mas apenas se funcional em relação a projetos pragmáticos de criação na esfera da cultura. A antiga Teoria deve ser encarada como Metateoria, voltada para pensar as condições de emergência dos debates conceituais, eles mesmos epifenômenos de querelas doutrinárias.

**Raúl Antelo – UFSC**

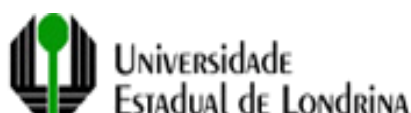
**Título:** Abolir e conservar a teoria

**Resumo:** A *superação das teorias literárias* coloca o problema ambivalente da *Aufheben* hegeliana, tanto a tarefa de suprimir ou abolir, quanto a de conservar e elevar alguma coisa a condição alterna, conceito ambíguo que não se limita à compreensão da auto-supressão de uma disciplina, tendo vindo à tona suas contradições internas, mas focaria a presunção autonomista de a literatura valer-se por si mesma na definição do literário. Essa supressão implica, portanto, uma conservação da determinação, porém, recolocada agora no plano de uma integração superior ou, em outras palavras, ao explicarmos um conceito, como é o caso *das teorias literárias*, é certo que ele decai nos seus direitos de ter existência e sentido próprios, embora fique integrado em uma outra rede de sentido, a das razões ou motivações pelas quais ele existe e é concebido, o de ser Teoria. Georges Bataille foi o primeiro a nos alertar para a laceração do sujeito provocada pelo dispêndio, o erotismo e a escritura, gerando assim uma peculiar forma de negação, a do dualismo místico-material da teoria do não-saber, que pôs em crise tanto a religião quanto seu oposto, a ciência, abrindo um espaço que, a rigor, era um vácuo: não um dado mas uma decisão. A literatura, redefinida como desvio para fora dos caminhos do *logos*, fuga do mundo do discurso, passou a ter, como função, produzir *in-operância* na forma de um livro que fascina porque ornado pela indiferença das ruínas. A literatura torna-se uma saída do princípio de não contradição e nos propõe a afirmação de uma ambivalência, nos confins do pensamento, onde letra e imagem deparam-se com o impensado da vida, o Real, e onde o tempo, longe de ser um dado natural, torna-se objeto de êxtase, ora como *eterno retorno* (Nietzsche), ora como *apocalipse* (Derrida), ou mesmo como *tempo explosão* (Benjamin), mas, em todo caso, como expulsão de qualquer tipo de continuidade e sucessão temporais.

**MESA 2 – Dia 28/04/2010 – 10h30-12h30**

Abrangência e papel da ABRALIC na área dos Estudos Literários

O crescimento da ABRALIC, positivo em si, vem ocasionando dificuldades de gerenciamento e até mesmo problemas de identidade para a Associação. Já houve propostas de que a ABRALIC se transformasse em “ABRALIT” e assumisse de vez a amplitude dos interesses que se manifestam em seus encontros e congressos. Mas já houve também quem defendesse posição contrária, insistindo-se que a ABRALIC deveria voltar a seus propósitos iniciais, concentrando-se em organizar eventos de literatura comparada em sentido restrito e, conseqüentemente, diminuindo drasticamente seu tamanho. Essa é a questão proposta para esta mesa.



Mediador: **Rogério Lima - UnB**

Expositores:

**Ivete Walty – PUC-MG**

**Título:** A literatura comparada e a questão da identidade – o lugar das instituições

**Resumo:** A ABRALIC, no seu XII Encontro, propõe-se uma “reflexão sobre a natureza e as perspectivas da própria Associação, no momento em que ela se aproxima dos 25 anos de existência” e apresenta dificuldades em definir seus contornos. Faz-se interessante, pois, investigar o papel de tal instituição na construção da crítica literária e cultural do Brasil, examinando, sob a perspectiva da questão da identidade, alguns textos com reflexão teórica sobre a própria Literatura Comparada, apresentados nos congressos e/ou publicados na revista da Associação.

**José Luís Jobim – UERJ/UFF**

**Título:** ABRALIC: visão do passado e perspectivas do futuro

**Resumo:** A partir do presente, em que a ABRALIC é a maior associação de professores de literatura e cultura da América Latina, é necessário rever os caminhos pelos quais ela chegou a este papel, para poder refletir sobre as questões que se apresentam e apresentarão a esta associação em termos de decisões sobre seu futuro.

**Rita Schmidt – UFRGS**

**Título:** Estado indisciplinar: transformações e sobrevivência do comparatismo

**Resumo:** Desde a ruptura com o paradigma fontes/influências, a história do comparatismo é uma sucessão de crises, impasses e questionamentos, a ponto de suscitar especulações e projeções sobre o seu desaparecimento. É bem verdade que as transformações significativas do campo acompanharam *pari passu* as reconceptualizações do que se entende por literatura, a virada linguística da teoria e os discursos políticos decorrentes de historicização dos objetos de análise, assim como sofreram, como as demais áreas das Humanas, o abalo epistemológico da abertura disciplinar. Neste contexto, as reflexões sobre a natureza das práticas comparatistas têm sido permeadas, de um lado, por divergências quanto a sua flexibilidade estratégica, de outro, pela contestação da afirmação de especificidade já que essa não mais se sustentaria num quadro institucional definido como sendo do vale-tudo. Considerando a crescente diversidade de um comparatismo *latu sensu* no âmbito do fórum da ABRALIC, algumas reflexões se fazem necessárias: seria pertinente considerar uma domesticação do campo como forma de conter a proliferação de práticas e assim, afirmar uma certa singularidade do fazer comparatista? Seria o caso de se projetar uma identidade estável para um campo cada vez mais avesso a delimitações e cada vez mais propenso a indeterminações? Seria possível pontuar alguns princípios constitutivos da natureza diferencial do comparatismo em relação aos estudos literários? Em que termos poderia se falar sobre a missão do comparatismo hoje, e sua sobrevivência como campo de investigação e de produção de conhecimento? Tais questões constituem o foco da presente proposta.

**MESA 3: Tradução-Tradição – Dia 28/04/2010 – 14h-16h**

No contexto das relações entre diferentes tradições e sistemas literários, a tradução desempenha um papel que transcende em muito a mera dimensão instrumental dessa prática, figurando também como o próprio paradigma de uma relação que é incondicionalmente transformadora. Sua natureza crítica se funda na compreensão de que, na qualidade de prática discursiva, de dimensão linguística, textual, estética, cultural, social e ideológica, a tradução é tanto instrumento quanto condição de uma dinâmica de relações que não se reduz mecanicamente ao intercâmbio das formas, mas opera como matriz fundada nas tradições e fundadora das ordens em que as tradições se inscrevem. Diante disso, como pensar as tradições literárias sem levar em



conta a tradução, ou a tradução literária à margem das tradições? Como caracterizar o papel que a tradução literária tem na articulação do eixo de relações entre diferentes sistemas e tradições? E, por sua vez, como dimensionar o impacto da tradução literária tanto sobre o estatuto do que se estabelece a partir dessas relações como centro e como margem quanto sobre a própria lógica de articulação dessas relações?

Mediador: **Mauricio Mendonça Cardozo (UFPR)**

Expositores:

**Inês Oseki-Dépré Universidade da Provença – Marselha, França**

**Título:** José de Alencar, le premier anthropophage

**Resumo:** Dans l'espace des échanges culturelles planétaires entre ce qu'on appelle le « centre » et la « périphérie », l'attention doit être attirée sur l'écrivain brésilien José de Alencar (Céara, 1829 – Rio de Janeiro, 1877), l'un des noms à la fois les plus populaires et prestigieux jusqu'à nos jours parmi les auteurs de la Modernité brésilienne. À l'instar de Tolstoï, cet auteur incarne au plus haut point les contradictions de l'homme de ce siècle : à la fois haut politicien conservateur (le Conseiller Alencar) et auteur d'une œuvre importante à caractère national et social, Alencar produit ce qui ne sera pas seulement le mythe de l'origine du peuple brésilien, mais l'illustration parfaite (et créative) des rapports entre l'Europe et le Brésil. Parmi ses œuvres, très nombreuses, incluant des essais critiques, des livrets d'opéra, des romans, nous avons privilégié *Iracéma, légende du Céara*, 1865, primitivement rédigée en vers puis transformée en prose, en ce qu'elle permet d'approfondir nos remarques sur « la construction de nouveaux genres narratifs, dans la formation d'hybrides stylistiques » selon la formule de Bakhtine, bref, sur l'appropriation de l'altérité. Il s'agit, en outre, d'une œuvre où la traduction prend toute sa place.

La question qui se pose ici est celle du couple hétéronomie/autonomie, déjà présente dans les questionnements d'Antoine Berman et de Pascale Casanova. La réponse brésilienne témoigne de la complexité de ce rapport : auteur périphérique, Alencar représente l'exemple d'autonomie (en adoptant les canons « centraux ») tout en proposant un modèle qui peut passer pour hétéronome (l'Indien, la nation brésilienne) et qui servira de paradigme à une modernité d'abord nationale, puis, internationale.

**Márcia Martins - PUC-RJ**

**Título:** O papel da tradução como força modeladora dos sistemas literários

**Resumo:** Desde que começaram a se constituir como disciplina, os Estudos da Tradução vêm buscando promover a visibilidade da tradução como práxis e como objeto de reflexão. Esse movimento de valorização e institucionalização do fenômeno tradutório se apóia tanto na mudança de paradigma que atribuiu a esse fenômeno o caráter transformador que é hoje praticamente hegemônico na academia, quanto na percepção do seu papel central como força modeladora dos sistemas literários. Partindo do pressuposto de que qualquer modelo de sistema literário deveria incluir a literatura traduzida, já que a tradução costuma trazer inovação e mudança, pretendemos discutir a interação e integração das tradições literárias das culturas receptoras com os diferentes aportes de outros sistemas, culturas e tradições.

**Marcos Siscar – UNICAMP**

**Título:** Reservar a tradução

**Resumo:** “*Je réservais la traduction*”, dizia Rimbaud para caracterizar sua alquimia do verbo, sugerindo uma espécie de proximidade a si do sentido e da língua. Em um primeiro momento, isolando a frase, diríamos que a poesia mantém a tradução à distância, de certo modo a recusa. Tradicionalmente, a tradução não é senão “reserva” para o raciocínio de uma “economia” comunicativa, *instrumento* e estratégia subordinada a projetos poéticos ou culturais – quer ela seja atenda a uma “poética” ou a uma “comunidade interpretativa”. Por isso, é importante lembrar que a frase de Rimbaud só ganha sentido em um contexto de dessolarização do eu-lírico em relação às experiências do eu empírico, reconhecendo aquilo que, na novidade da sua alquimia, havia também de cumplicidade com a “velharia poética”. “Reservar a tradução”



não é, então, apenas uma metalinguagem tradutória: é um momento da tradução ela própria enquanto metamorfose de um sujeito à sua condição crítica: sua tradução em inferno. A mistificação do intraduzível é uma ilusão tão cruel quanto aquela que aponta para o paraíso de uma *pax moderna* baseada no *pathos* da superação dos ruídos da língua e da literatura, do mergulho na vida como um mergulho para fora da poesia. Numa época em que “modernos” e “antigos” correm o risco de ser nivelados genericamente como cultores de um mesmo anacronismo da intraduzibilidade (afinal, “quem quer ser literário?”), seria oportuno ressignificar essa *reserva de tradução*, esse resto de poesia que se traduz invariavelmente em novas demandas de sentido.

#### **MESA 4 – Dia 28/04/2010 – 16h30-18h30**

Repensando a gestão da ABRALIC: centralização ou regionalização?

Questão que aparece eventualmente e foi explicitada publicamente na última Assembléia Geral foi a da eventual necessidade de regionalização da ABRALIC. Com o tamanho que tem, contando com associados em todo o Brasil, não seria o momento de começar a se mover no sentido de criar núcleos regionais? Nesse caso, como se organizariam esses núcleos? Com a criação de vice-presidências regionais? Ou por meio de encontros de fato regionais? Estas são as questões em pauta para esta mesa.

Mediador: **Carlos Alexandre Baumgarten - FURG**

Expositores:

**Eduardo F. Coutinho – UFRJ**

**Título:** Da transversalidade da literatura comparada

**Resumo:** Surgida em contraposição aos estudos de literaturas nacionais ou produzidas em um mesmo idioma, a Literatura Comparada traz como marca fundamental, desde os seus primórdios, a noção de transversalidade, seja com relação às fronteiras entre nações ou idiomas, seja no que diz respeito aos limites entre áreas do conhecimento. Tal transversalidade, ao assegurar à disciplina um caráter de amplitude, confere-lhe ao mesmo tempo um sentido de inadequação à compartimentação do saber que dominou as instituições de ensino no Ocidente a partir do Iluminismo. Com base numa reflexão sobre a transversalidade da disciplina, teceremos neste trabalho algumas considerações sobre a questão proposta da centralização ou regionalização da ABRALIC.

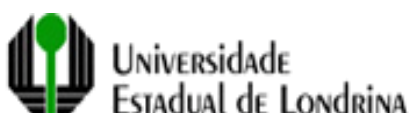
**Helena B. C. Pereira – Mackenzie-SP**

**Título:** Limites e impasses da gestão centralizada

**Resumo:** Desde sua fundação, em 1986, a ABRALIC instalou-se em sedes temporárias, com mudança a cada dois anos, a exemplo do que fazem outras organizações acadêmico-científicas. A liderança da associação fica a cargo de um grupo bastante reduzido de pesquisadores: seis na Diretoria e mais dez no Conselho. Como se trata de pessoal vinculado a universidades de diferentes estados ou regiões, as reuniões limitam-se às previstas no estatuto (não mais do que uma por ano). Nenhuma instância administrativa ou acadêmica opera entre esses 16 pesquisadores e os cerca de 2.000 associados da ABRALIC.

Para que se realizem as reuniões científicas (encontro regional e congresso internacional a cada 2 anos) ampliam-se os quadros de liderança, quando pesquisadores vinculados às universidades que temporariamente sediam a ABRALIC passam a compor as Comissões Organizadora e Científica de cada evento.

O modelo baseado em simpósios, a partir de 2002, permitiu a descentralização de tarefas de caráter científico, como a análise e seleção dos resumos e textos integrais, e de caráter operacional, como a distribuição das apresentações em mesas, o controle dos horários etc. Embora esse modelo tenha simplificado o processo, garantindo, por consequência, a manutenção da mesma estrutura organizacional por mais de duas décadas, cumpre analisar com mais rigor seus efeitos. Os simpósios constituem a parte mais volumosa de cada evento, porém o único vínculo acadêmico entre a Diretoria da ABRALIC se estabelece na



seleção dos resumos para a formação dos simpósios. De modo geral, não há interlocução acadêmico-científica sistemática entre a Diretoria e os coordenadores de simpósios, nem destes últimos entre si, o que fragmenta as discussões e não contribui para a visibilidade de propostas ou temas mais relevantes.

Em vista disso, entendemos que o atual modelo, fortemente centralizado na gestão da ABRALIC e descentralizado na operacionalização de suas reuniões científicas, é incompatível com as dimensões da associação e deve ser repensado. Diferentes critérios podem ser levados em conta na tentativa de superação desse impasse. O mais lógico aponta para a formação de grupos regionais, a partir de um critério geográfico. O agrupamento de pesquisadores por estado ou região tornaria o contato mais frequente e facilitaria a interlocução. Outra possibilidade é adotar um critério temático ou científico, com a formação de Grupos de Trabalho, Grupos de Discussão (*on line* e presenciais), Núcleos Temáticos ou similares. Conforme a composição definida, pode-se estabelecer uma rede, com grupos e subgrupos, assegurando não só a maior frequência como a continuidade nas discussões. Além disso, qualquer tipo de agrupamento permitirá melhor interlocução da Diretoria com um escalão intermediário (os coordenadores ou responsáveis por GT, Núcleo, Região ou similar) e destes com os coordenadores de simpósios nas reuniões científicas.

Para finalizar, ressaltamos que proposta desta apresentação limita-se a discutir a oportunidade e necessidade de recomposição da estrutura acadêmico-administrativa da ABRALIC, tornando-a compatível com as dimensões de seu quadro de associados e com a urgência de se repensar o papel da literatura comparada face à perda de espaço dos estudos literários no contexto contemporâneo.

**Sueli Cavendish – UFPE**

**Título: ABRALIC: A Favor da Regionalização**

**Resumo:** O crescimento vertiginoso da ABRALIC ao longo dos anos de seu funcionamento é do conhecimento geral, assim como os entraves e dificuldades de funcionamento que esse crescimento vem apresentando. A regionalização como forma de solução para tal problema foi a questão principal levantada por ocasião da última sessão do XI Congresso Internacional realizado em São Paulo. Nesta comunicação apresentaremos uma proposta de descentralização e regionalização da ABRALIC, apresentando algumas alternativas para o funcionamento da entidade: 1) a criação de vice-presidências regionais; ou 2) a criação de conselhos regionais com um presidente regional e outros membros; 3) alocação de recursos para o funcionamento dos conselhos regionais; 4) realização de encontros preparatórios regionais 5) realizações de Congressos Internacionais necessariamente em regiões distintas daquelas em que foram realizados nos últimos dez anos, levando-se em consideração que o Norte e o Nordeste não sediaram tais eventos. Desde já uma proposta concreta em questão: a formação, a partir deste encontro, de grupos de trabalho regionais, preparatórios da regionalização.

**MESA 5 – Dia 29/04/2010 – 10h30-12h30**

Literatura mundial, literaturas nacionais e comparativismo

Há uma década atrás o Congresso da ABRALIC perguntava: Literatura Comparada = Estudos Culturais? Nessa pergunta se refletia uma insegurança, típica daquele momento, tanto com a natureza do objeto da Literatura Comparada – a literatura propriamente dita – quanto com o conceito de literatura nacional que subjaz à idéia clássica de comparativismo. Essa insegurança gerou uma intensa reflexão que reposicionou o problema e, muitas vezes com a evocação da velha *Weltliteratur* (literatura mundial) goetheana, recolocou na ordem do dia tanto os estudos literários (*-literatur*) quanto as possibilidades e limites das relações entre as literaturas nacionais (*Welt-*). São exemplares, nesse sentido, o trabalho recente de críticos como Gayatri Chakravorty Spivak e seu “transnacionalismo literário” ou Franco Moretti com sua “literatura vista de longe”. Nesta mesa se discutirão a retomada da centralidade dos estudos literários para a Literatura Comparada, as formas de compreender as relações entre literaturas centrais e literaturas periféricas, o papel do estudioso localizado na periferia na constituição da ideia de “literatura mundial” no contexto contemporâneo, bem como colocar em questão a própria lógica centro-periferia a partir da qual se instalariam essas dinâmicas de relação.



Mediadora: **Lívia Reis - UFF**

Expositores:

**Anselmo Pessoa Neto – UFG**

**Título:** A literatura vista de longe, de Franco Moretti, lido de perto

**Resumo:** O livro *A literatura vista de longe*, de Franco Moretti, propõe aproximar a análise literária das ciências naturais e, por conseguinte, o estudo quantitativo da literatura. A razão para esta inversão de perspectiva é a crise que os estudos literários atravessam em todas as partes do mundo. Se é impossível ler toda a produção literária mundial, como estudá-la em seus vários espaços e globalmente? E ainda mais, dada a reprodução das obras literárias em gêneros que se substituem, porque não analisá-los como se fossem espécies em processo de seleção natural? Por aí os estudos literários ganhariam novos fôlegos e compreenderiam melhor o seu objeto? Estas são algumas das questões de Franco Moretti e que meus estudos tentarão acompanhar, de perto.

**Maria Cecília Boechat – UFMG**

**Título:** O romance brasileiro e a tradição folhetinesca.

**Resumo:** Releitura de *A moreninha*, tendo em vista a incorporação e transformação de procedimentos folhetinescos que o romance realiza. Trata-se, assim, de deslocar a perspectiva dos estudos tradicionais do romance brasileiro, que avalia sua configuração a partir de suas relações com a alta literatura européia, sempre na lógica da imitação, a fim de evidenciar e compreender o avanço e as conquistas do primeiro romance reconhecidamente nacional em relação a essa outra tradição, intensamente traduzida e praticada por autores nacionais durante o século XIX.

**Sandra Guardini Teixeira Vasconcelos – USP**

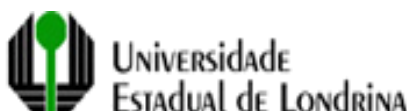
**Título:** Sobre o trânsito das formas literárias

**Resumo:** Diante da disseminação dos Estudos Culturais, o encolhimento da área de Literatura Comparada parecia a crônica de uma morte anunciada. Sinais de sua vitalidade, entretanto, podem ser pressentidos em alguns desdobramentos contemporâneos, que procuram ampliar o escopo do comparatismo repensando a literatura numa escala global. Refiro-me aos trabalhos recentes de Franco Moretti e Margareth Cohen e às discussões sobre a efetividade ou não de um conceito como o de *Weltliteratur*, retomado pela crítica para interrogar as possibilidades de novas direções. Noutra chave, G. Spivak propõe o “transnacionalismo literário” como resposta para a renovação da disciplina. No contexto desse debate, (re)emergem questões como nacionalismo, pós-colonialidade, relações entre centro e periferia, e surgem novas tentativas de dar conta do trânsito e da circulação das formas literárias para além das fronteiras nacionais.

Se, por um lado, muitas dessas propostas puseram o acento no “cultural”, promovendo o esvaziamento do especificamente literário, elas igualmente padeceram (algumas ainda padecem) da falta de um tratamento mais dialético da questão que me parece central para a disciplina, isto é, a própria dinâmica que define a relação de um país como o Brasil com os países centrais. O sentimento de tempo e lugar é crucial para o crítico que não quer cair no engodo da importação ou circulação sem barreiras, seja de mercadorias, de pessoas, seja de textos literários. Nesse sentido, tendo em vista a vocação comparatista que Antonio Candido argumenta pontuar a atividade crítica em nosso país, “caracterizado pelo cruzamento intenso de culturas” (“Literatura Comparada”, *Recortes*), parece imprescindível reafirmar a necessidade de atenção ao movimento entre geral e particular, ou local e universal, nos termos de Antonio Candido, assim como às condições sócio-históricas que presidem o trânsito de ideias e de formas literárias.

**MESA 6 – Dia 29/04/2010 – 14h-16h**

Quem quer ser literário? – negociações, tensões e deslocamentos do valor estético na produção contemporânea



Ao longo do século passado, a problematização dos paradigmas conceituais no campo dos estudos de literatura, entre outras implicações, repercutiu sobre os estudos comparatistas ampliando sua abrangência e incorporando ao seu quadro de possibilidades múltiplas formas de interlocução entre o literário e outras linguagens, em especial aquelas que se constituem a partir do desenvolvimento dos meios de processamento, reprodução e disseminação em larga escala de som e imagem. Por sua vez, ainda sob o impacto do surgimento e da expansão em escala planetária dos meios digitais em rede nas últimas duas décadas, certas vertentes da literatura, do cinema, da canção popular e da teledramaturgia parecem estar tensionando, seja pela via de sua fatura, seja pelas novas possibilidades de agenciamento que o cyberspaço suscita, muitas das hierarquizações que dominavam o cenário tradicional da indústria cultural. O propósito dessa mesa é discutir os limites e possibilidades de ultrapassagem de relações binárias tais como centro e periferia, produção e consumo, distração e efeito estético na produção cultural contemporânea.

Mediador: **Arnaldo Franco Júnior - UNESP - S. J. do Rio Preto**

Expositores:

**Adalberto Müller - UFF**

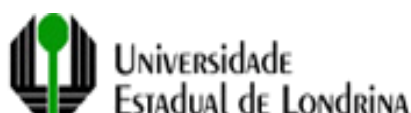
**Título:** As fronteiras da literatura: poesia, cinema, mídia

**Resumo:** Fronteira e nomadismo são conceitos que pressupõem hibridação e movimento. Na tessitura desses conceitos, urde-se a recusa da pureza, concomitante com uma recusa da estabilidade; uma aceitação do diverso casada com uma compreensão da “semovência” das coisas, como diria Rosa. Para quem está nas fronteiras da Literatura, mais cedo ou mais tarde há que se reconhecer esse modo de ser, do nômade e do fronteiriço. Assim sendo, a Literatura será entendida como como linha imaginária, como lugar de passagem, da letra para a imagem, da imagem para a voz, da voz para a mídia. Daí a necessidade de se pensar Literatura – e logo a Arte – não como estrutura fechada e autosuficiente (inclusive para o ato da leitura apenas), mas como estrutura que se abre para a passagem. Das passagens de Benjamin às passagens entre textos e línguas, entre línguas e mídias, pensa-se aqui na Literatura como sincretismo midiático, em que uma mídia é canibalizada pela outra (o livro pelo filme, o filme pela canção – como ocorre nesse híbrido que é o videoclipe). Pensa-se na adaptação, mas também numa poesia cinematográfica que resulta processos de *sampling* de textos, quadros, músicas e filmes, como o *Histoire(s) du cinéma* de Jean-Luc Godard. Enfim, trata-se aqui de pensar, no âmbito da cultura, em fenômenos e conceitos nômades, errantes. Um pensamento de fronteiras.

**João Manuel dos Santos Cunha – UFPeL**

**Título:** Comparatismo literário e multiplicidade midiática: os limites de uma impossibilidade

**Resumo:** Quem quer ser literário? Muitos, em número progressivo (ainda que cada vez mais longe da literatura), a julgar pela amplitude e heterogeneidade de eventos “de literatura” em escala planetária nos anos recentes. A expansão da Literatura Comparada, desde as últimas décadas do século passado, implicou a superação permanente de crises que acompanharam sua história. Ultrapassando o ainda que produtivo paradoxo de ser disciplina sem identidade disciplinar, o comparatismo tem se firmado justamente pela persistente capacidade teórica e metodológica de se reelaborar, correspondendo aos avanços das teorias literárias e à diversidade de seus referenciais. Nesse contexto, outros agentes e saberes foram integrados de forma indissociável ao quadro da reflexão comparada sobre o literário, visto em sua relação com diversas linguagens, códigos estéticos ou suportes textuais. Esse movimento interdisciplinar se deu inicialmente de forma natural, por meio de ampla negociação e cautelosa intervenção, buscando a ultrapassagem de relações binárias, condição incontornável para a compreensão da complexidade e da transversalidade dos fatos literários e culturais, examinados em contextos estéticos e sociais específicos. O que tem faltado, entretanto, é equacionar questões como a dos limites da incorporação do experimentalismo de novas linguagens midiáticas (estéticas ou não, verbais ou não) à reflexão *sobre o literário*. É esse aspecto que examinaremos,



enfocando particularmente afetações e contaminações havidas a partir de deslocamentos operados na dupla via dos trânsitos entre o literário e outras textualidades imagéticas.

**Lúcia Sá – Universidade de Manchester, Inglaterra**

**Título:** Milhares de escritores, milhões de leitores: a Literatura Comparada, a rede, e a “literatura marginal”

**Resumo:** A recente onda de publicações da chamada ‘literatura marginal’ nos obriga a repensar o sentido do livro, e da literatura, num país como o Brasil, onde o ato de ler tinha sido, até recentemente, uma ocupação de poucos. A literatura comparada, enquanto disciplina que se ocupa, ao menos de acordo com certas definições, do contraste entre a literatura e “outras artes” pode nos ajudar a compreender esse fenômeno recente. A literatura marginal, particularmente aquela produzida nas periferias das grandes cidades, faz parte de um movimento maior que inclui não somente o livro convencional e a publicação em revistas especializadas, mas também o hip-hop e a colaboração em websites, foruns, etc. Livros como o romance *Capão Pecado*, de Férrez, estabelecem um diálogo constante com o mundo do hip-hop e incluem a participação ativa de “rappers”. E websites dedicadas ao hip-hop paulista, a bairros como o Capão Redondo, ou a grupos de literatura marginal como o Cooperifa, citam e mencionam trechos de literatura marginal (incluindo, por exemplo, o romance de Férrez), e as canções de hip-hop. Pela primeira vez na história do Brasil, centenas de milhares de pessoas com pouca educação formal estão escrevendo para serem lidas por outras centenas de milhares, talvez milhões de pessoas. De que maneira esse acesso ao mundo da publicação estaria criando uma nova realidade literária? Como esses escritores digitais se relacionam com a literatura tradicional? Quais são as noções de narrativa, enredo, personagens que transparecem nesses textos, e como essas noções se conectam com outras artes ou outros meios, como a música, sobretudo o hip-hop, ou a televisão? Além disso, alguns dos mais bem sucedidos entre esses escritores digitais acabam por publicar os seus textos na forma de livros convencionais, que por sua vez são re-citados na rede. Essas publicações, no geral caras e bem produzidas demonstram que o livro, enquanto objeto, detem ainda um valor cultural especial, ao menos no Brasil. Essas e outras questões serão o foco da uma apresentação que não pretende oferecer respostas definitivas a nenhum desses fenômenos, mas utilizar as ferramentas oferecidas pela literatura comparada para repensar o papel da literatura no Brasil atual.

**CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO – Dia 29/04/2010 – 16h30-18h30**

**Daniel Link – Universidade de Buenos Aires**

La "cosa nostra".

Mundialización, posautonomía y literaturas comparadas. América Latina en la encrucijada del milenio.

**CURSOS: 27 a 29/04/2010 – 8h30-10h**

**Curso 1:**

**Paulo Sérgio Nolasco dos Santos** (Universidade Federal da Grande Dourados / UFGD)

**Título:** Tendências da Literatura Comparada na Contemporaneidade

**Ementa:** A vida literária (perdoem-me o acacianismo) se constela de influências epocais, algumas vezes impressentidas pelos autores, e não raro pela crítica mais aguda”. (Guilhermino Cesar, 1973. In: *Notícia do Rio Grande: literatura*. Org. e Introdução de Tania F. CARVALHAL. Porto Alegre: IEL/UFRGS, 1994). Procurando no “contemporâneo” posto pela reflexão filosófica atual, este CURSO visa à discussão da antiga mas sempre viva rivalidade entre as *letras* e o *espírito*, fundadora de um “comércio” próprio da Literatura Comparada. Antes de respostas imediatas, propõe-se uma “simpatia cognitiva” reconhedora da onipresença de Babel, pois trata-se de disciplina que “escuta e lê desde babel”. Assim, um modo de “olhar” perspectivado e constitutivo do conhecimento comparatista, hoje ainda mais ressignificado pelo “olhar



contemporâneo”, propõe discutir as articulações entre “dispositivos de saber, de poder saber”, ou elos de intermediação entre os actantes da literatura mundial, dos quais “o local” e “o marginal” tendem à instabilidade “disciplinar”, impondo ao comparatista fixar-se numa teoria distintiva acerca do modo e do lugar de onde se fala e de onde está na cultura. Na atualidade, o procedimento comparatista operaria, dentro de uma prática de ensino e/ou pesquisa, balizado por suas múltiplas variações e, assim, ao enfrentar a aventura da contemporaneidade, buscaria na formulação de novas perguntas a sua constante validação.

### Referências:

CARVALHAL, Tania Franco. Lugar e função da literatura comparada nos processos de integração cultural. GLÁUKS – Revista de Letras e Artes / UFV. Viçosa, n.4, , jan./jun. 2000, p. 13-20.

\_\_\_\_\_. *Notícia do Rio Grande: literatura*. Org. e Introdução de Tania Franco Carvalhal. Porto Alegre: IEL/UFRGS, 1994.

COSTA, Carlos Couto Sequeira. Zeuxis e Babel – Imagens de Filosofia. Disponível em <<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1930.pdf>> Acesso em: 4 abr. 2009.

KRYSINSKI, Wladimir. Narrativa de valores: Os novos actantes da *Weltliteratur*. In: \_\_\_\_\_. *Dialéticas da transgressão*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

STEINER, George. “O que É Literatura Comparada?” In: \_\_\_\_\_. *Nenhuma paixão desperdiçada*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

### Curso 2:

**Sandra M. Nitrini** (Universidade de São Paulo)

**Título:** Literatura Comparada (Diretrizes clássicas e tendências atuais)

**Ementa:** Apresentar aos alunos diretrizes clássicas e tendências atuais da Literatura Comparada que lhes permita visualizar e articular conceitos e problemas desse campo de estudos literários, intimamente relacionados com a teoria e a crítica literárias. Oferecer ainda aos alunos a oportunidade de discutir a relação entre a teoria e a crítica literárias, a partir de exemplos de leituras comparativas.

1. Estado atual da Literatura Comparada. (Apresentação panorâmica e geral)
2. Do modelo genético ao modelo teórico. (Apresentação teórica com ilustrações. Modelo genético: *Lucíola*, de José de Alencar e *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho; Modelo teórico: *Nove, novena*, de Osman Lins e o novo romance francês)
3. Intertextualidade e memória da Literatura. (Apresentação teórica com ilustrações: *Lucíola*, *Atala*, de Chateaubriand e *Paulo e Virgínia*, de Bernadin de Saint-Pierre; *Avalovara*, de Osman Lins, *Werther* de Goethe e *Moby Dick*, de Melville.

### Bibliografia:

ABDALA Junior, Benjamin. (org.) *Mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo, Boitempo, 2004.

ANDRADE, Ana Luiza; Antelo, Raul; Camargo, Maria Lucia de Barros. *Leituras do ciclo*. Ilha de Santa Catarina/Chapecó. Grifos/Abralic, 1999.

BAKTHINE, M. *Esthétique et théorie du roman*. Paris, Gallimard, 1978.

Bassnett, Susan. *Comparative Literature: a critical introduction*. Oxford/ Cambridge, Blackwell, 1993.

BERNHEIMER, C. (ed.). *Comparative literature in the age of multiculturalism*. Baltimore, London, The Johns Hopkins University Press, 1995.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte, UFMG, 2001. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves.

CARVALHAL, Tania Franco. *Culturas, contexto e discursos. Limiares críticos no comparatismo*. Porto



Alegre. Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

\_\_\_\_\_. *O próprio e o alheio. (ensaios de literatura comparada)*. São Leopoldo, Unisinos, 2003.

FEHRMAN, Carl. *Du repli sur soi au cosmopolitisme. (essai sur la g n se et l'évolution de l'histoire compar e de la littérature)*. Paris, Michel de M iaule, 2003. Tradução de Marianne e Jean-François Battail.

GUILLÉN, Claudio. *Entre lo uno y lo diverso. Introducción a la literatura comparada*. Barcelona, Marginales Tusquets, 2005.

KAISER, G. R. *Introdu  o   Literatura Comparada*. Lisboa, Funda  o Calouste Gulbenkian, 1989.

KRISTEVA, Julia. *Recherches pour une s manalyse*. Paris, Seuil, 1969.

MINER, Earl. *Po tica comparada*. Tradu  o de  ngela Gasperin. Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1996.

MOREIRAS, Alberto. *A exaustão da diferença. A política dos estudos culturais latino-americanos*. Belo Horizonte, UFMG, 2001. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves.

MOSER, Walter. "Estudos Literários, Estudos Culturais. Reposicionamentos.". *Revista Literatura e Sociedade* n. 3. São Paulo, USP/FFLCH/DTLCC, 1998.

NITRINI, Sandra. *Literatura comparada (história, teoria e crítica)*. São Paulo, Edusp, 1997.

PEREIRA, Maria Antoniete e Reis, Eliana Lourenço de L. (Org.) *Literatura e Estudos Culturais*. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, 2000.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Falência da crítica*. São Paulo, Perspectiva, 1973.

\_\_\_\_\_. *Flores da escriv ninha*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990.

PIZARRO, Ana. *El sur y los trópicos (Ensayos de cultura latinoamericana)*. Cuadernos de América sin nombre, n. 10, Universidad d'Alacant / Universidad de Alicante.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. São Paulo, Hucitec, 2008.

SAUSSY, Haun (org.). *Comparative Literature in an Age of Globalization*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press, 2004.

SOULLER, Didier & Troubetzkoy, Wladimir. *Littérature compar e*. Paris, Puf, 1997.

ZEPETNEK, T t sy e DIMIC, Milan (org.). *Comparative Literature Now (Theories and Practice)*. Paris, Honor  Champion, 1999.